

REVISTA DA SEMANA

Edição semanal ilustrada do JORNAL DO BRASIL

Redactor-gerente, Dr. CANDIDO MENDES — Redactor-chefe, Dr. FERNANDO MENDES DE ALMEIDA — Director-technico, GASPAR DE SOUZA

Anno III — N. 101

DOMINGO, 20 DE ABRIL

Numero: 300 réis

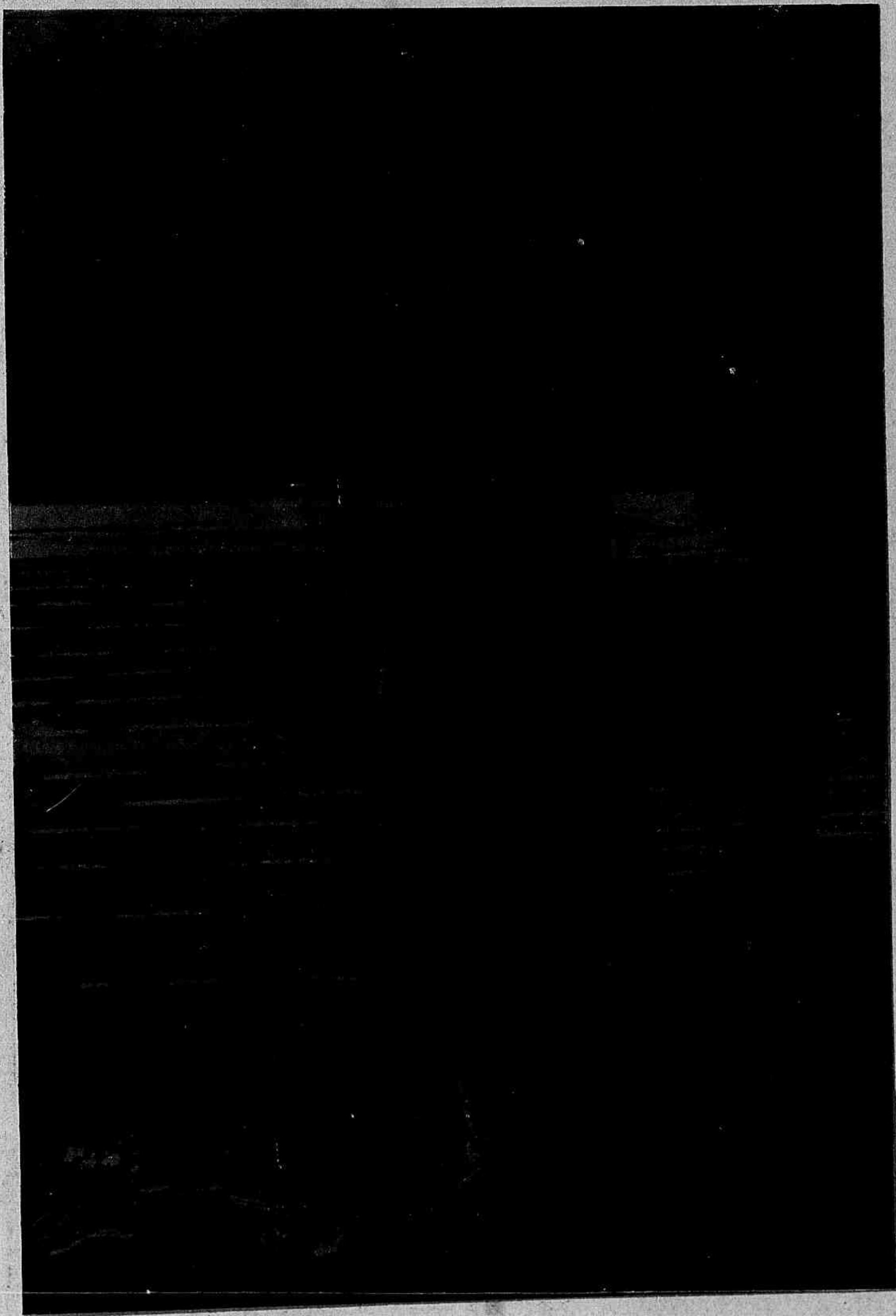
CHRONICA

MINHA senhora: Não sei quem é nem de vo procurar sabel-o. Escreve ao chronista uma carta interessante, digna de resposta e tanto basta para que o chronista lhe responda. Nem preciso vel-a para adivinhar-lhe a estirpe, as relações, os habitos e as toilettes. E' formosa — ha tantas mulheres formosas no Rio! E' elegante: o papel que usa na sua correspondencia a denuncia. Teve uma educação completa: basta analysar essa impecavel calligraphia ingleza. E' altiva e só comprehende a obediencia cega: a que não discute a razão... nem o capricho. Nos Estados-Unidos seria uma das « quatro-centas », de New-York; em França pertenceria ao « Tout Paris »; aqui, faz parte do grupo das mulheres invejadas. E' a mesma cousa sem a impertinencia barulhenta e irritante do qualificativo especial.

Lamenta a corrente feminista contemporanea. Quer a mulher triumphando exclusivamente pela formidavel fraqueza dos seus encantos. Nesse terreno é dogmatica, inteiriça, inflexivel. A sua formula é de bronze massico, sem elasticidade, sem um veio, sem uma falha. Vê-se que é uma experiente e uma victoriosa. A sua carteirinha de velhos fechos de prata layrada — um mimo de bom gosto e joalheria artistica — só registra triumphos. A' sua voz, ao seu gesto, ao seu olhar — sobretudo ao seu olhar! — ninguém ainda ousou resistir e o coração mais forte, a alma mais energica, a vontade mais firme, succumbem diante da suggestão dessa belleza e desse encanto triumphaes.

O artista, senhora, não duvidaria subscrever sem condições essa homenagem pantheista, se apenas elle estivesse em jogo. O culto das deusas, ainda as mais mythologicas e pagãs, vem desde a Hellada de mel e ouro, atravez dos tempos e das civilisações, como uma devoção do gosto, como um correctivo aos desvios do paladar. Mas, ai de nós! que nos não consente o publico essa existencia contemplativa, toda para regalo das nossas requintadas personalidades! Elle quer mais, ou antes, quer cousa bem diferente e convidando-nos a descahir os olhos do alabastro purissimo chamados á vida terrena, banal, comesinha, de todos os dias, á massa ululante em busca do pão, do tecto e do lar.

A vossa formula, pois, senhora, tem o defeito de ser excessivamente pessoal e, quando o não seja, de comprehender apenas uma casta limitada, perdida, absorvida, suffocada em um



Salão de 1901 (Quadro de R. AMOEDO)

ambiente tenebroso onde a tragedia é mais frequente do que pensaes. Os encantos... as graças do vosso sexo! São tão poucas as que conseguem triumphar só porque as dotou a sorte com taes predicações! Nem o commum dos homens dá por elles senão quando sublinhando qualidades que a moral, a velha moral, difficilmente sancionaria. E as feias, e as humildes, e as recatadas e modestas?... Ha tanta belleza desprezada só porque não soube lançar-se... tanta fealdade cuja alma encerra thesouros de bondade e de ternura! E não têm essas também direito á vida, ao respeito, á veneração dos homens? E se estes as abandonam, se junto delles passam despercebidas, porque não hão de conquistar pelo proprio

Blak, como o denominara por causa da sua cor. Dera-lh'o o chefe da missão, porque julgara que o animal percesse do ferimento recebido. Elle, Evans, conseguira, entretanto, cural-o, e desde então alli o tinha a seu lado, como um moço da camara, trabalhador, alalo e sem pensamento, é verdade, mas já com um sentimento de piedade e ternura só proprio da humanidade...

Ao ouvir, pelo Charles, as ultimas palavras do capitão, o Victor, que começava já o seu preparo scientifico moderno, lembrou-se então das admiraveis descobertas da doutrina evolutiva, que o santo e venerando Darwin firmava, um dia, na biblia da *Origem das Especies*, com o seu poderoso, profundo espirito de investigação e gene-

esforço a parte de felicidade que nos caberia levar-lhes?...

Não, não tendes razão, senhora. Viveis num pedestal onde não chegam o echo dos soluços e os salpicos do sangue innocente derramado pelo desespero. E quanto desespero vae por esse Rio, Santo Deus!

Jacques Bonhomme.

O CHIMPANZÉ MARINHEIRO

(Conclusão do n. 100)

O master explicou então que era com effeito um chimpanzé. Tinha mais ou menos trinta annos. Apañhara-o havia quatorze, numa caçada, nas Montanhas Negras, de uma feita em que, desmbarcado, fizera parte de uma missão scientifica a estudos naquella região. Nessa caçada experimentara elle uma das maiores emoções de toda a sua vida. A missão era de Edimburgo e compunha-se de uns vinte homens bem armados. Num dia de descanso tinham resolvido dar uma grande batida aos chimpanzés, que infestavam a floresta proxima e que, ás vezes, á noite, desciam em bandos á planicie onde estavam as tendas. Fôra em plena matta, justamente á hora em que esses animaes se erguem das suas camas de folhas suspensas aos grandes troncos das arvores. Os caçadores marchavam todos por um atalho que ia dar a uma clareira, quando nella repontou de subito um bando de chimpanzés. Recebeu-os logo uma descarga cerrada, ante a qual todo o bando dispersou, atroando a floresta com o seu conhecido grito de cobra: *goêhce! goêhce!* Mas tres ou quatro tinham ficado cahidos e, entre elles, um mal ferido que tentava escapar-se aos saltos na espessura das ramagens. Fôra uma luta para o agarrar, o que só conseguiram pela tarde, terminando assim a caçada. E esse era o chimpanzé que alli viam, o

ralização, porventura o maior de quantos têm existido.

Mas o jantar terminara — e todos subiram para o tombadilho, onde foi servido o café.

A tarde cahia serenamente, para os lados do oeste, em largas barras douradas. E este saudoso amarello da luz, que já pallidamente illuminava a cidade e o mar, jorrava todo de um denso fôco

ARTISTAS



Senhorita BLANCHE CORAL

Artista chilena do Casino Nacional, em costume gaúcho que usa nas suas applaudidas canções platinas e rio-grandenses.

flammejante e de ouro, que o sol, na linha do horizonte, accendia ainda por traz dos altos pinheiros amontoados da Tijuca, do Corcovado e da Gaven.

Então, achegando-se á amurada de terra, o

capitão, os rapazes e a moça, num alegre grupo palrador, ali se quedaram algum tempo, a admirar os esplendores do occaso.

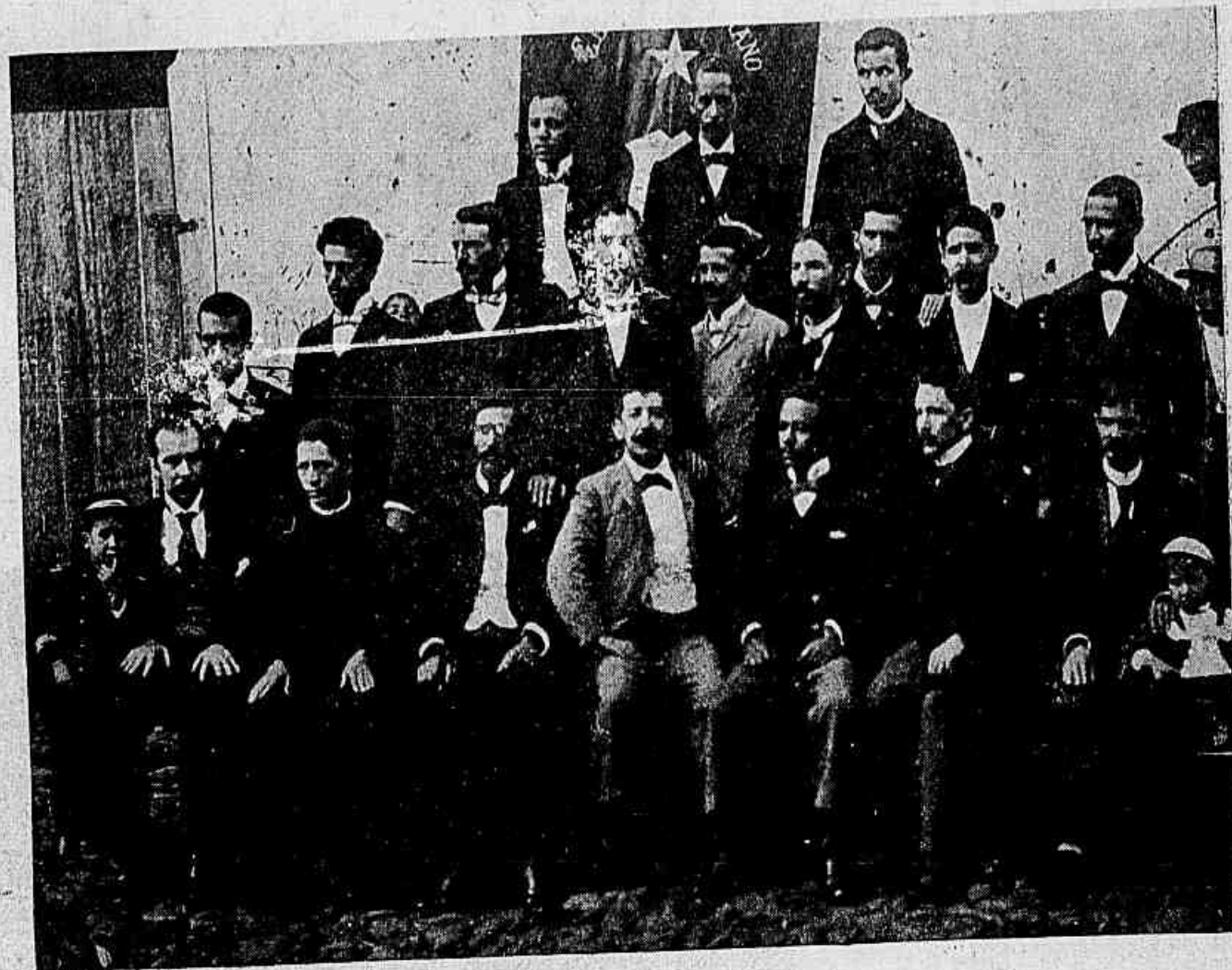
Mas, de repente, o Charles Wilson lembrou que eram horas de deixar o navio e todos tres despediram-se de miss Clara que, ao trocar o ultimo *shake-hands*, para os ver partir, foi collocar-se tristemente aos balaustres da pôpa. O bom Evans, porém, acompanhou-os até ao portalô, onde, dado o abraço de despedida, os rapazes desceram para o escaler, que já tremia lá em baixo na vaga, prompto a reconduzil-os ao caes. E, accomodados ás bancadas, os marinheiros largaram.

O Charles e o Paulo Wilson, então, emquanto se armava remos, tirando os capacetes de cortiça, entraram a abana para o capitão e a filha, que lhes respondiam vivamente agitando os lenços claros. O Victor Vasques, entretanto, enamorado do bello casco da galera, não cessava de o mirar de alto a baixo, em todas as suas linhas, quando descobriu de repente, debruçado da borda, junto ás enxarcias de prôa, o vulto do chimpanzé.

O pelludo exilado das Montanhas Negras, numa attitudo pensativa e nostálgica, alheado de tudo, tinha os olhos pregados á ré, no tombadilho da *Spring*. Como horas antes na camara, o coração torturado, quem sabe! por uma paixão quasi humana, embevecia-se de certo na contemplação de miss Clara, que, postada ainda aos balaustres, ao lado de Evans, continuava a agitar para elles o seu lenço de cambraia.

No emtanto, o bote avançava na placidez das aguas, e, em pouco, o grosso casco da galera se sumia no meio dos outros cascos. Mas através da immensa teia de cabos e mastros, sob a cinza do crepusculo, a alta tolda branquejava, e o Victor via ainda vagamente o vulto do chimpanzé, na sua attitudo pensativa, voltado para miss Clara, que, debruçada da borda, seguia o bote com o olhar, a cabelleira esparsa ao vento e rutilando como o disco fulvo de um astro.

Virgilio Varzea.



Itabira de Matto Dentro — «Centro Itabirano» — Estado de Minas Geraes

Directoria e grupo de socios: 1ª fila — Da direita para a esquerda José Casemiro Drumond, 1º secretario; Padre José Raymundo da Silva, dr. José de Paula Camara, orador e medico da sociedade; dr. João de Deus Sampaio, ex-presidente e advogado da sociedade; dr. Joaquim Pedro Rosa, presidente do «Centro» e medico da Hygiene Publica; pharmaceutico Jacyntho Martins de Figueredo, vice-presidente e Miguel Alves de Araujo, 2º secretario.

2ª fila — Thomé Diniz, pharmaceutico Octavio Gonçalves, José Cesario Alvim Sobrinho, Tenente Minervino Bethonico, thesoureiro e bibliothecario; Alfredo Sampaio (Delegado de policia); Braz Martins da Costa, João Pereira, Antonio Cayapó e alferes Candido Barbosa.

3ª fila — José Casemiro Rosa, capitão João Rosa e Casemiro Jorge.

(Photographia do amator Braz Martins da Costa.)

FRAGMENTO

ESTA noite, como a cada passo, succedeu-me encontrar Eduardo Garrido, entre varios amigos, recolhido no tundo de um divan e ouvindo os outros. Mas de repente as attencões voltaram-se para elle e, entre alegres referencias aos seus sessenta annos que vão chegar e de que elle não parece ser portador, lembrou-se a sua obra de theatro.

Foi então que eu soube que Eduardo Garrido era o autor do «Amigo Banana», que nós todos desde crianças conhecemos de côr e que durante tantissimos annos fez a alegria das plateias de Portugal, como é o autor daquella outra cançônetta — «A bengala» que começava assim: «Comprei-a agora mesmo...» e que a gente se fartou de ouvir quando moços, como é o autor daquelle comedia tão popular — «Por um triz...» que está no repertorio das nossas doidices de rapazes.

E ouvindo enumerar estas obras-primas de fatilidade, que ficaram no nosso theatro como pequeninos modelos dessa graça *bon enfant* — que é a nossa graça, puz-me a considerar esse homem que pôde sobreviver ao seu tempo e á sua gloria de autor e estar alli entre nós, quasi esquecido, a ouvir fallar os outros. Era então aquelle o homem que escrevera a chalaça immortal do «Amigo Banana»!

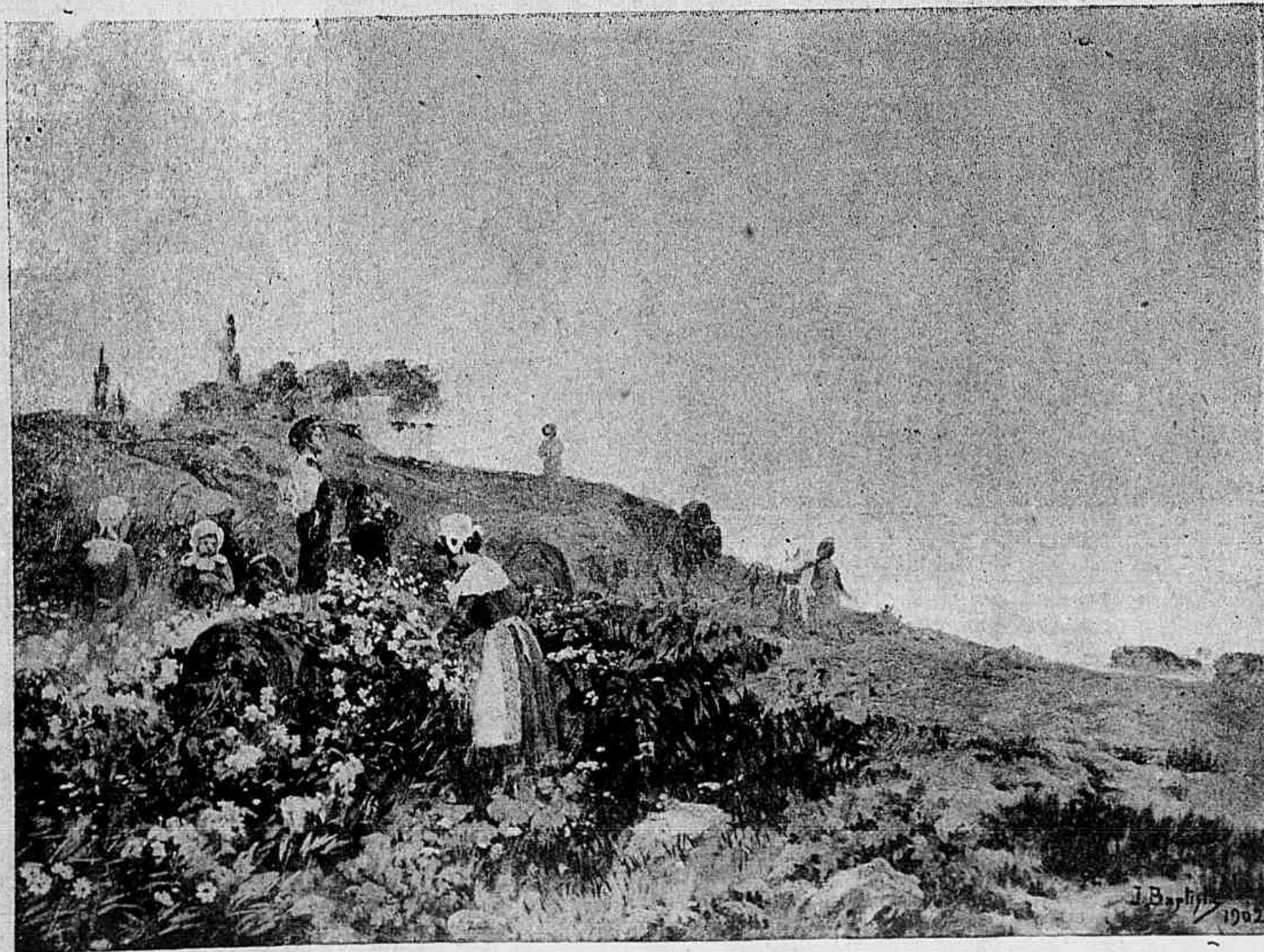
Eduardo Garrido é um homem gordo e baixo, que faz lembrar sempre um homem desoccupado. Ninguém o vê nunca em acção de ir a qualquer parte. Quando não está parado, procura parar e se encontra um botão de casaco ou o cunhal de uma esquina, pára. Tenho-me avistado com elle em varias latitudes, e sempre assim. Em Paris, onde tem um domicilio, vagueia entre a *chaussée d'Antin* e a rua Montmartre. No Rio encosta-se ás portas da rua do Ouvidor. Em Lisboa, quando não se senta na beira das cadeiras do Suisso, estaca naquella esquina da rua do Ouro, onde á tarde ha maior remoinho de gente. Já o encontrei em Irun, por uma madrugada de frio, parado, sob o telheiro da estação, na mesma attitudo em que se mostra em toda a parte — baixo, gordo, ligeiramente pangudo, de mãos nos bolsos e nariz ao vento.

Assim como se move, assim se exprime, como quem nem tem muito que fazer, nem que dizer. Falla tão baixo que por vezes mal se ouve. A sua



MARIO NABUCO RIBEIRO

Fallecido a 14 do corrente.



PAZ — Quadro offerecido ao dr. Manuel Victorino Pereira pela Associação dos Empregados no Commercio do Rio de Janeiro, no dia da festa do seu anniversario, executado pelo pintor brasileiro João Baptista da Costa.

única distração é o bigode, com o qual se intende constantemente. E' o seu *tic*. Pergunta-se-lhe: «Como vac isso?», ao que elle responde invariavelmente: «Mal!», o que quer dizer que vac ás mil maravilhas. Por vezes, tem o ar de buscar qualquer cousa, fareja o vento, consulta o céu. E' quando está em vespuras de abalar.—«Então quando é a ida?». Funga, cicia. Elle proprio não parece saber. Traz um monoculo, perdido nas rugas do colleto, mas não o usa. Assestar o monoculo é já decidir se e elle não parece decidido a cousa alguma.

Contudo, este homem ocioso e indeciso é dos mais activos e resolutos trabalhadores que tem tido a litteratura dramatica em Portugal. Noutras terras, mais propicias ás letras, teria uma grande fortuna e uma grande celebridade. Aqui, é apenas conhecido e não é sequer distinguido pela somma de trabalho que accumulou, pela graça que dispendeu, pelos triumphos que conquistou, por esse titulo de nobreza que, nos homens de letras, é a sua tradição. Toda a gente lhe falla sem aquelle calor, sem aquelle—dizei mesmo—discreto respeito que as sociedades intellectualizadas dispensam sempre á personalidade dos homens de letras que attingiram legitimamente a gloria da grande publicidade. Bate-se-lhe no hombro, dá-se-lhe dous dedos, passa-se adiante. Os rapazes, cada vez mais avessos ao culto dos vivos, mettem-se com elle, dizem-lhe graças—a elle que tem passado a vida a fazel-a.

Quando eu era moço, as cousas não eram assim. Os homens de espirito que conheci antes de entrar pela vida dentro, comecei por os respeitar, antes mesmo de os amar. A primeira vez que entrei em casa de João de Deus tremiam-me as pernas. Fui amigo de Julio Cesar Machado e nunca pôde familiarisar-me com elle. Conhecer no meu tempo um homem de um talento mesmo modesto era uma felicidade e um motivo de orgulho. As letras eram uma aristocracia e os letrados tinham honras de fidalguia. A successiva democratização dos costu-

de respeito. Foi Ramalho Ortigão, diante de quem ainda hoje as turbas irreverentes se affastam. E' que Ramalho Ortigão, a quem Plutarco certamente ensinou que nenhuma grande gloria resiste a longas e frequentes exhibições, subtrahiu-se ao contacto das gerações que sobrevieram á sua, com a sua nova educação e os seus novos habitos e que não lhe deita a vista em cima senão muito raramente e

a mão, e a quem ouvisse dizer nesse tom de desenvoltura que é a marca da juventude do nosso tempo:—«Ora vá-me cortar essa gatorina!»

O Garrido é um indifferente. Por isso parece ter descido de si mesmo, para andar no meio de toda a gente com o ar de quem recebe um favor, quando na realidade é elle que o faz.

João Chagas.

- Que idade tem a senhora?
- Já fiz vinte annos.
- Precise mais.
- Estou entre os vinte e os trinta.
- Mas, quando é que faz trinta?
- Amanhã.

Alguns amigos tinham ido jantar a uma casa de pasto campestre; proximo da sobremesa, um dos convivas, olhando casualmente para as mãos do rapaz que servia á mesa, exclamou horrorizado:

— Oh! patife! tu não tens vergonha de nos servir o jantar com essas mãos?!...

— Então que têm as minhas mãos? disse o criado assustado.

— Ainda o perguntas?! estão sujas como dois basculhos!

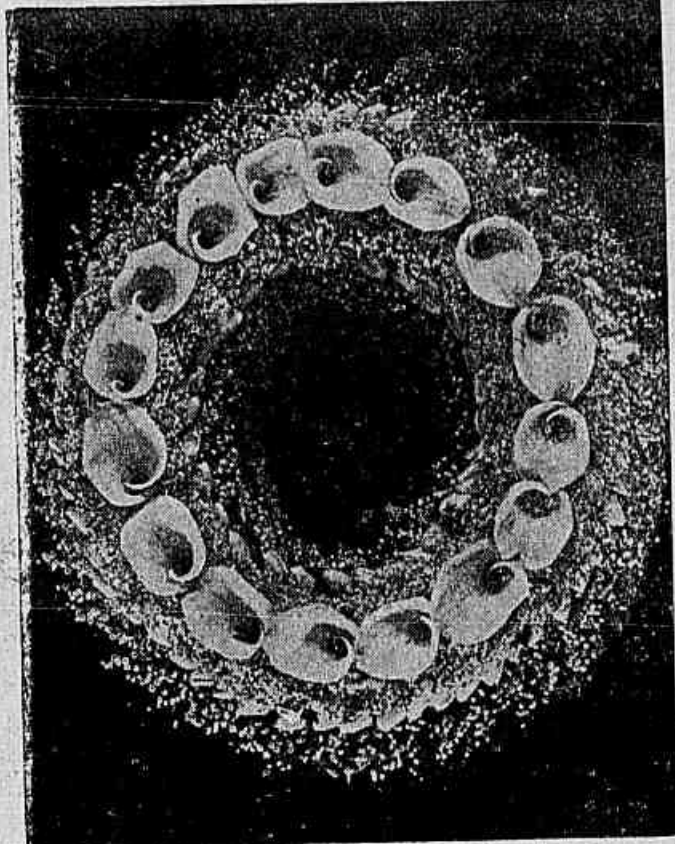
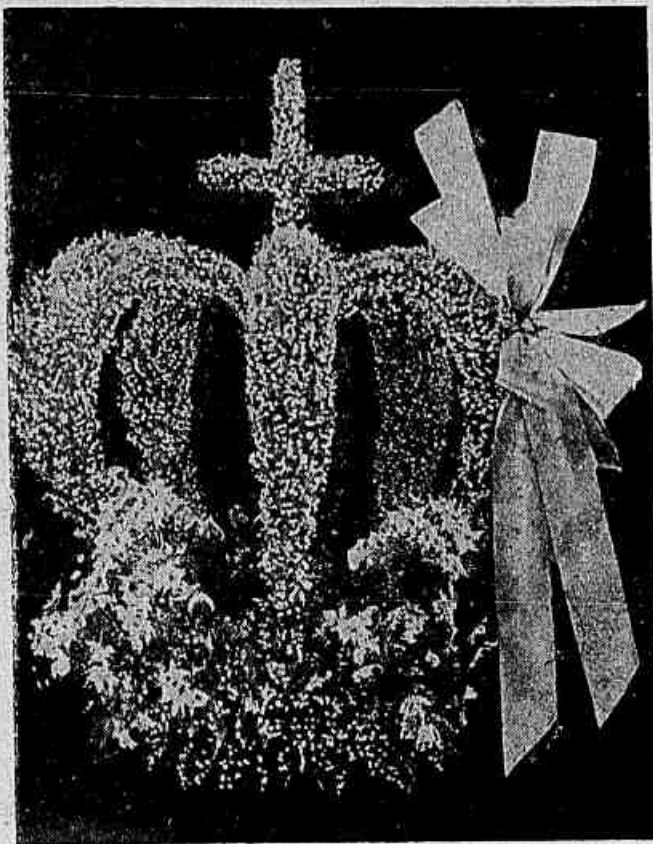
— Ah! o senhor acha as minhas mãos negras? que seria se visse as mãos do mestre cozinheiro!

— Oh! maroto! pois as mãos do cozinheiro ainda são mais negras que as tuas?! retorquiu o conviva reprimindo um vomito!

— Por certo que sim! são pretas como tinta de escrever... basta dizer que elle nasceu em Moçambique!

— Safa que susto! vá buscar um frasco de conserva ingleza para me desengoar!

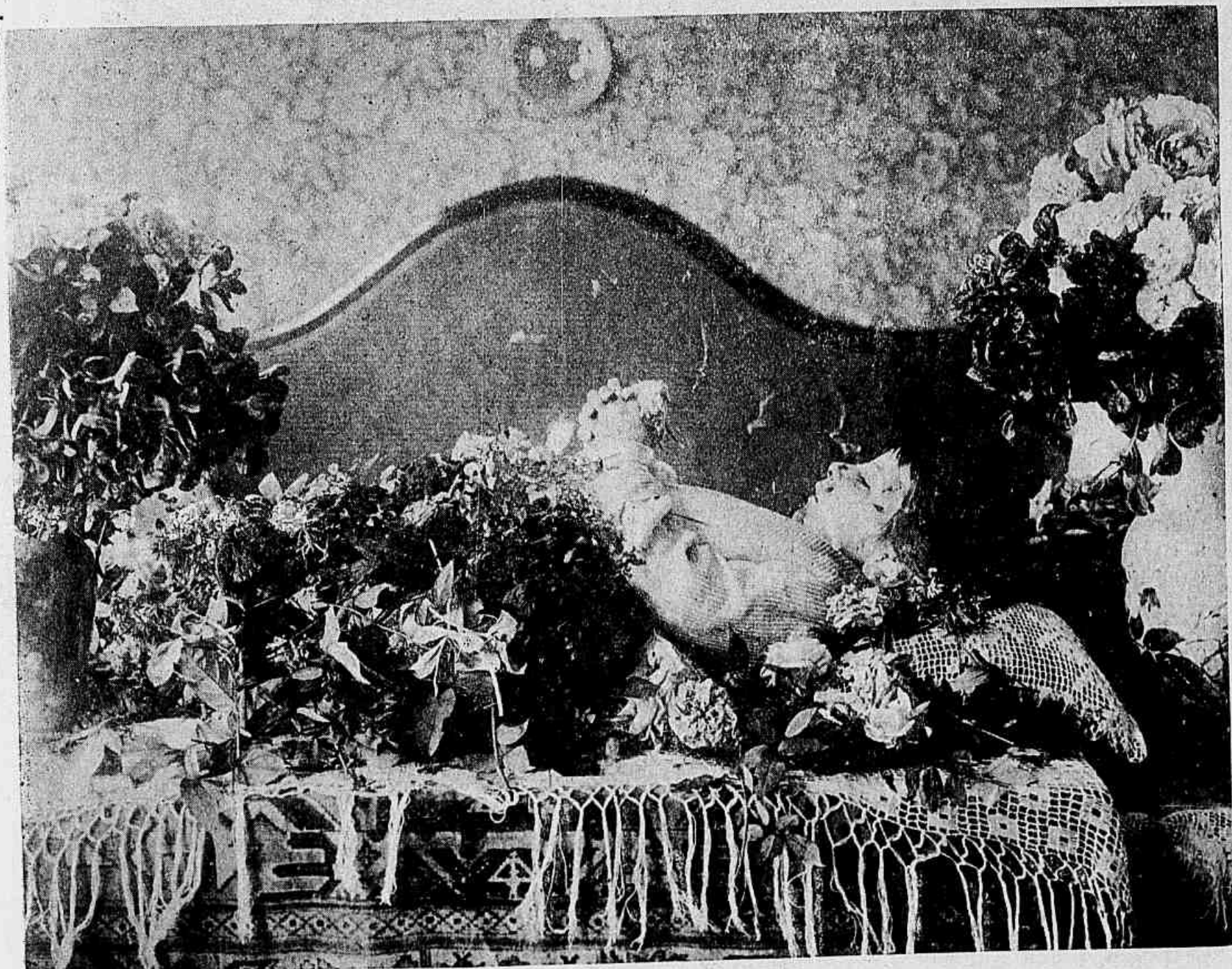
Um pae expunha a seu filho, um rapazola de dez annos, tudo o ha de nobre, de grande, de pa-



1—Primeiro anniversario da morte da Rainha Victoria, em 22 de janeiro: corôa mandada depositar no mausoleu pelos reis de Portugal: lírios brancos e orquídeas; nas fitas azul e branco a seguinte inscripção «Carlos-Amelia, jan. 22—1902»
2—Primeiro anniversario da morte da Rainha Victoria, em 22 de janeiro; corôa depositada no mausoleu pelo 7º regimento de hussares: lírios, lilazes e tulipas brancas.

em circumstancias de não lhe poder tocar com o dedo. Ao contrario do que foi outr'ora, não é um homem que se mistura na turba para a conhecer, mas um *gentleman* que assiste a um espectáculo, de um camarote. Se por imprudencia elle descesse do poleiro da sua velha gloria de pamphletario e de artista para vir familiarmente ao Suisso tomar um *grog* de aguardente de França com os seus contemporaneos, era uma vez Ramalho Ortigão.

O que mantém por exemplo intacto o respeito das gerações pelo grande poeta Guerra Junqueiro

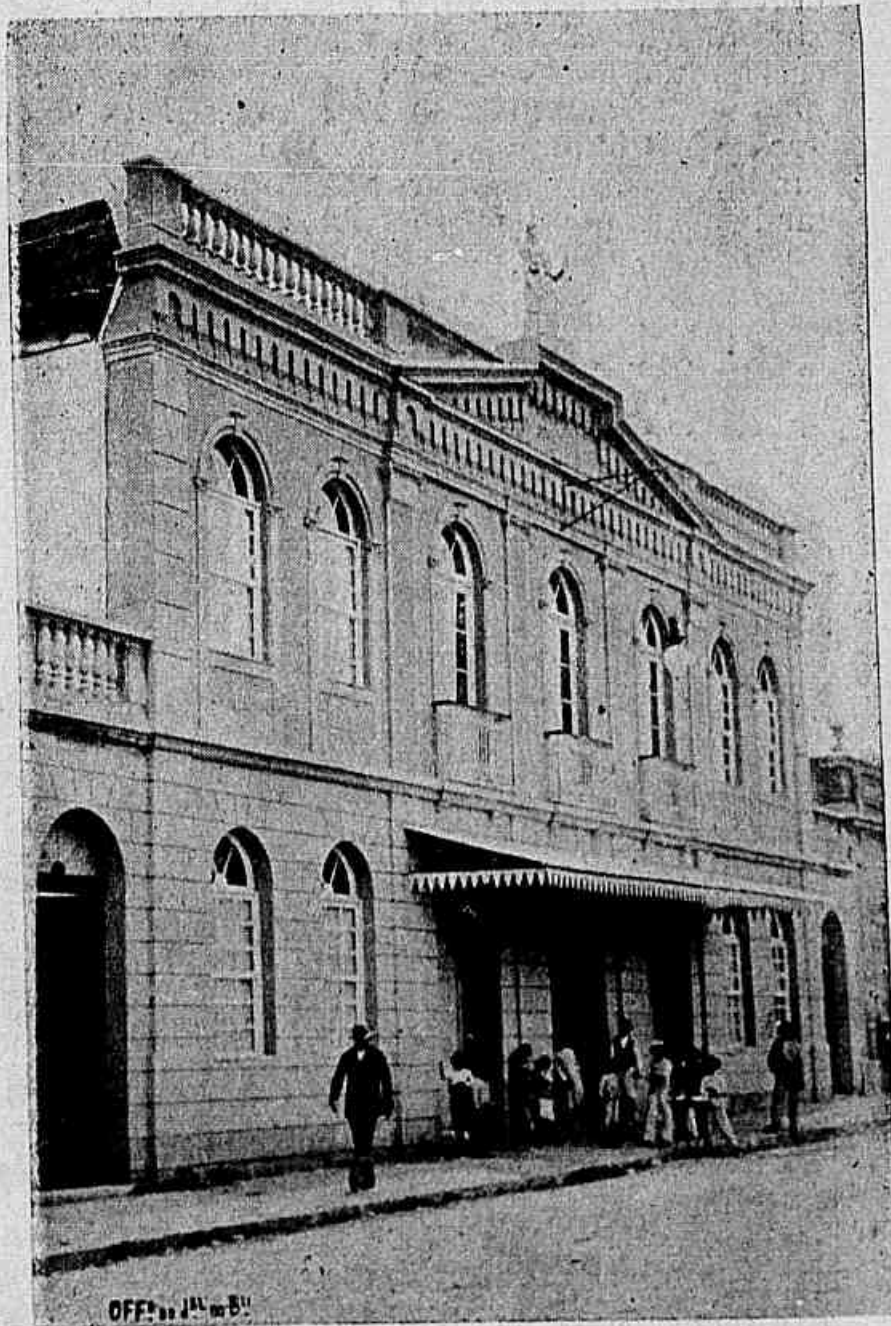


A formosissima criança Itala Ferrari, de cinco annos de idade, esmagada pelo electrico 130 entre as ruas Dr. Corrêa Dutra e Buarque de Macedo. Facto occorrido quando já a *Revista* entrara na machina. (Phot. da *Revista da Semana*.)

mes acabou mesmo com este genero de castas e pode um homem ter o talento que quizer que não haverá quem se levante para lhe offerecer uma cadeira. Se o Herculano e o Castilho frequentassem o Martinho acabariam por ceder o logar ao deputado sr. Petra Vianna, cuja gloria é inquestionavelmente de muito maior actualidade.

Apenas um, entre todos os sobreviventes das letras portugezas, pôde elevar-se e manter-se num verdadeiro solio de admiração e, ao mesmo tempo,

não é em rigor o seu genio, mas a lenda da sua personalidade, desconhecida e inviolada, desentranhando-se em alexandrinos e em systema philosophicos, no fundo de uma Tebaida do Douro, e eu estremeço de horror á idea de que elle venha a Lisboa e se demore por aqui mais tempo do que o preciso para se fazer reconhecer, porque a breve trecho elle deixaria de ser do Olympo, onde deve estar, para ser do primeiro peralvilho que passasse, a quem estendesse grandemente e magnanimamente



ESTADO DO PARANÁ—CURITYBA.—Theatro Guahyra, antigo S. Theodoro.

triotico no serviço militar, e fazia-lhe uma rapida e eloquente historia dos grandes feitos do seu paiz, exhortando-o a seguir a vida das armas e alistar-se no exercito.

— Não sentes pulsar-te o coração ao ouvires a narrativa destes heroicos feitos? Não te sentes orgulhoso com a idéa de poderes derramar o teu sangue pela patria?—

— Sinto, papá, sinto.

— Bem; então que arma escolhes, infantaria, artilheria, ou engenharia?

— Cavallaria.

— Cavallaria, porquê?

— Porque a cavallo foge-se mais depressa!

OS THEATROS

Até quinta-feira da semana proxima completará o *Quo Vadis?* — a primeira serie de cincoenta representações, um verdadeiro assombro para os tempos que correm, e, na sexta-feira, teremos a primeira d'A *Honra*, comedia-dramatica em 4 actos do grande dramaturgo allemão Sudermann, cujo retrato hoje damos, auctor de tantas obras primas: *Fim de Sodoma*, *Cantinho de Felicidade*, *Batalha de Borboletas*, *Fogueiras de S. João*, etc.



H. SUDERMANN
Autor d'A *Honra*.

A proposito da peça que a companhia Della Guardia representou em duas épocas successivas com grande applauso e unanime aclamação da imprensa, escreve o traductor italiano

das obras do eminente theatrista:

«Hermann Sudermann, o primeiro dos dramaturgos allemães vivos, é um bello homem, alto, robusto, elegante, com uma larga fronte intelligente, fartos bigodes e longa barba. Tem o olhar imperioso, profundo, de uma mobilidade viva e penetrante.

Nasceu a 30 de setembro de 1857 em Matzickron, miseravel aldeia da Prussia occidental e frequentou os primeiros estudos em Elbing e Tilsit. Dahi passou á famosa Universidade de Heidelberg, em 1875, e, em 1877, mudou de Universidade e foi para Berlim. Os primeiros escriptos de Sudermann datam de 1881 — depois que profundamente estudou a historia, a philosophia, a literatura e as linguas modernas. Deixando Berlim, percorreu toda a Alemanha, França e Italia. Durante essa viagem escreveu romances e novellas, quasi todos reproduzindo a vida dos campos onde nascera. Nesses escriptos, Sudermann revela-se simultaneamente poeta e pintor. Foi inesperadamente, no seu regresso a Berlim, que Sudermann, observador profundo, escreveu o admiravel estudo do meio popular berlinez que tem por titulo: *A Honra*.

A Honra foi uma revelação e uma revolução: em uma noite, toda a Alemanha soube pelo telegrapho que um grande artista se revelara: Sudermann. E logo contra o auctor d'A *Honra* se desencadearam os odios da «velha escola», intransigente contra a arte nova. De nada serviu: Sudermann era um homem celebre».

A Honra, de Sudermann, será posta em scena com escripto cuidadoso: scenarios inteiramente novos e desempenho confiado a Dias Braga, Ferreira de Souza, Eugenio de Magalhães, Eduardo Vieira, Grijó, Marques, Olympio, Marzulo, Lucilia

Peres, Aurelia Delorne, Elisa de Castro, Georgina Vieira e A. Leyrot.

Deve constituir mais um successo para a feliz empresa do *Quo Vadis?*

Marzulo, um actor novel mas com visiveis aptidões para a scena, fez um excellente beneficio com o *Drama do Povo*. A peça agradou como nos melhores tempos da sua meninice e não faltaram applausos a Dias Braga, Ferreira de Souza, Rangel, A. Delorme, Marques e Elisa de Castro. Lucilia Peres fez com muita intelligencia a scena do 2º. acto.

O eterno *Tim-Tim* por *Tim-Tim* voltou á scena no Lucinda pela empresa Silva Pinto, sempre bem recebido e applaudido.

Por cartas recebidas nesta capital, sabemos que a companhia Cinira Polonio tem agradado extraordinariamente em S. Paulo. Estreou com o *Principe da Bulgaria*, dando em seguida a *Mulher do Commissario*. Neste espectáculo, os estudantes fizeram entusiastica manifestação a Cinira, entregando-lhe, em scena aberta, um bronze de alto valor.

Em Portugal, ha a consignar o grande successo da *Ceia dos Cardeaes*, peça em um acto,



CLARA DELLA GUARDIA

no 4º acto da *Gioconda*, de Gabriel d'Annunzio.

original de Julio Dantas, levada á scena em festa artistica de João Rosa. Sem pôr em duvida a realidade do triumpho, João Chagas faz-lhe, contudo, algumas reservas literarias:

«Nós ouvimos os versos do sr. Julio Dantas, como todo o publico, sob uma impressão de sensível prazer, mas em vão buscamos em toda a sua imaginosa obra um momento de nativa, sincera e inebriante poesia. Reconhecer portanto que o sr. Dantas é um homem de talento não é senão um acto de justiça. Reconhecer, porém, que elle seja um poeta e dar qualquer genero de applauso a esta consagração é pelo menos desnaturar com imperdoavel leviandade o sentido de uma palavra — a palavra poeta.

Certo, o publico, atraído por tudo quanto na *Ceia dos Cardeaes* está naturalmente feito para o interessar, desde as pratas do scenario até ao oiro das rimas, não se entrega a esta indiscreta investigação de personalidade, e applaude incondicionalmente, no autor, o poeta, sem saber se a sua lyra tem as cordas todas, ou se lhe falta alguma. O publico tem razão. Simplesmente, o publico não julga: applaude, e applaudir nem sempre é julgar.»

— Os artistas José Ricardo e Amelia Lopiccio, tão conhecidos e apreciados do publico fluminense, tencionam vir ao Brasil no proximo anno com uma companhia por elles organizada.

— A *troupe* que se destina ao Apollo, contra-



Mme. SECONDE WEBER

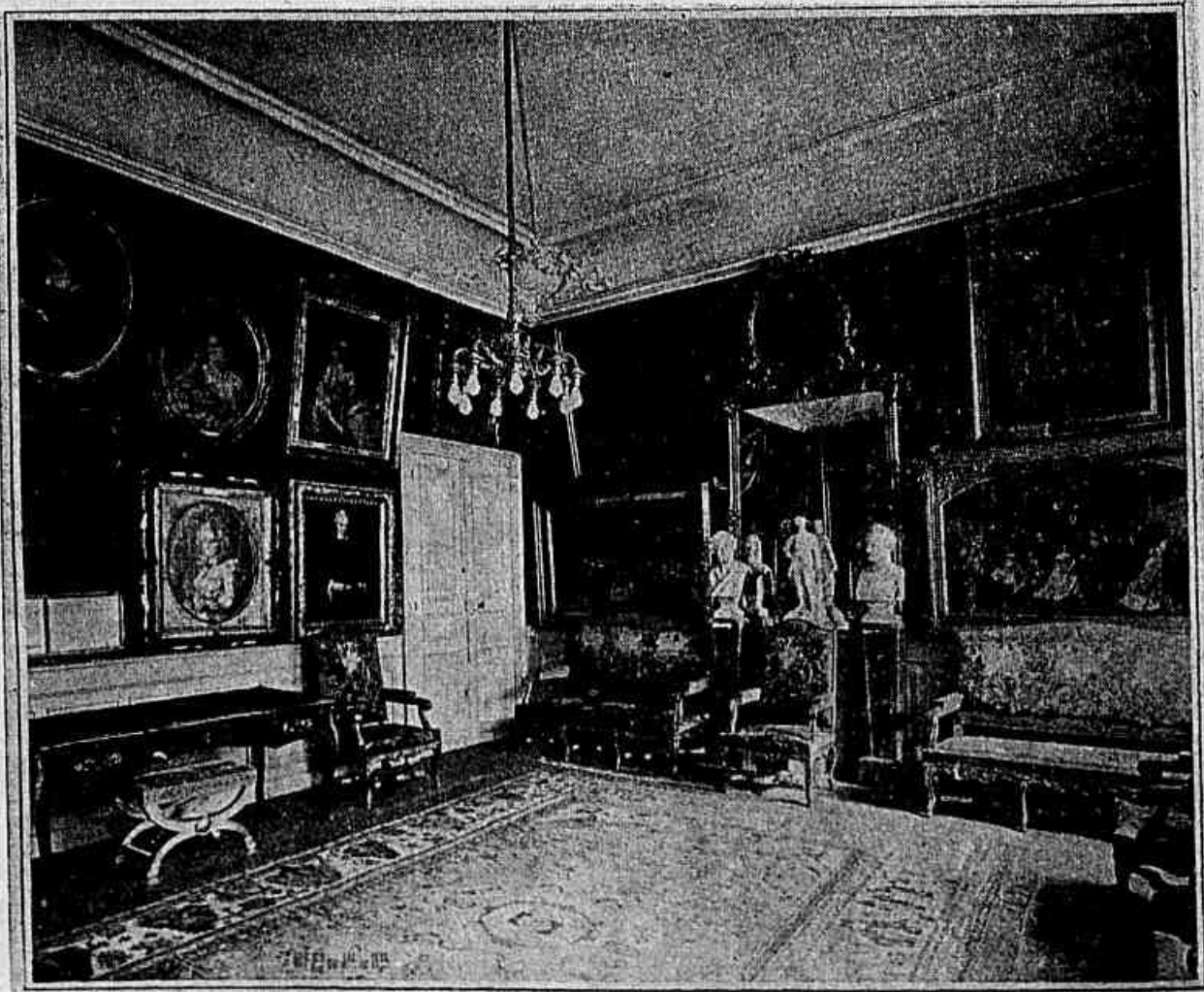
Actual societaria da «Comedie Française», na *Jeanne d'Arc*.

tada pela empresa Celestino & Pereira, sob a direcção artistica de Affonso Taveira, estréará com a *Zaza*, assim distribuida:

Zaza	ANGELA PINTO.
Anais	Emilia Eduarda.
Simone	Nanette de Souza.
Clairette	Luiza de Oliveira.
Floriania	Monica.
Mme. Dufresne	Carlota Fonseca.
Nathalia	Maria Santos.
Julietta	Luiza de Oliveira.
Bernardo Dufresne	LUIZ PINTO.
Cascart	Rangel Junior.
Bussy	Justino.
Dubuisson	Gaspar.
Malardot	Augusto Campos.
Lartignon	Portulez.
Duclou	C. Santos.
Michelin	Conde.
Le Camusse	França.
Martin	Vianna.
Julio	Portulez.
Adolpho	Carlos.



PARIS — Theatro do Vaudeville.—Madame Réjane no papel de *Yanetta*, da *Robe Rouge*, de Brieux.



O novo «foyer» dos artistas da «Comédie Française»

A seguir será representado *O outro eu*, fazendo Angela Pinto a parte de *Suzanna*; Augusta Cordeiro, a de *Colette*; Thereza Mattos, a de *Mme. Leclapier*; Affonso Taveira, a de *Barisart*.

Farfalla.

O IMPERADOR

Foi na véspera de uma grande batalha, em noite infinitamente calma e tepida do mez de julho. Tremia no ar uma brisa faceira. No firma-

longe, o piar dos mochos nos bosques e o ladrar prolongado dos cães perturbavam a serenidade dessa noite estival.

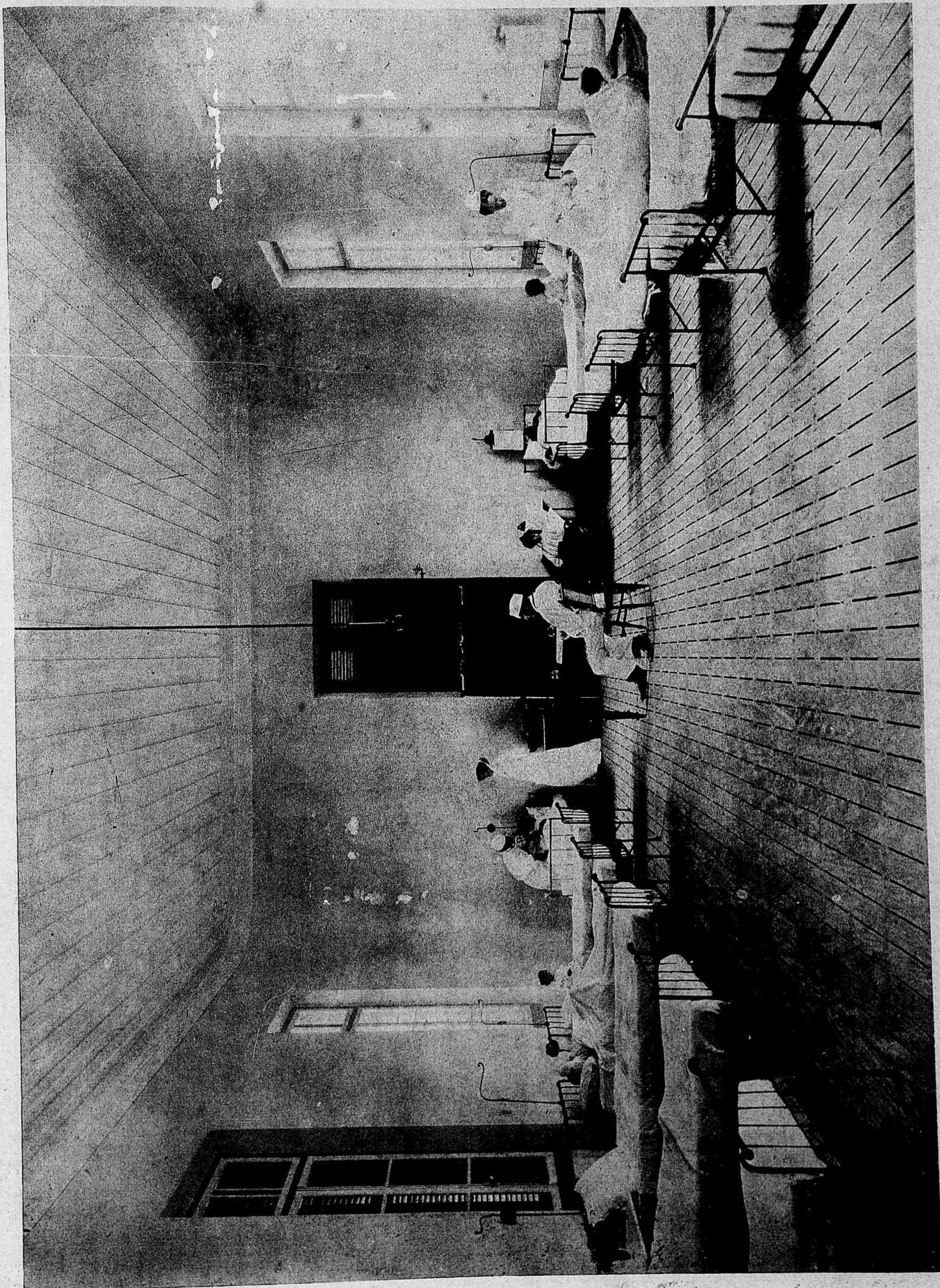
O Imperador não dormia...

Os seus officiaes, dispensados, repousavam nas suas barracas de campanha. Elle, curvado sobre uma carta do Estado Maior, meditava. O olhar,

O Imperador não dormia...

Provocada pela Inglaterra, a guerra recommençava com as suas terríveis hecatombes. Francisco José oppunha as suas tropas ao exercito francez. O Austriaco, cedendo-lhe a filha, não abdicara dos seus odios pelo capitão corso. Era forçoso lutar... lutar sempre!...

HOSPITAL DE ISOLAMENTO DE S. PAULO



Uma das enfermarias das crianças, na hora da visita medica.

mento, a lua deslisava entre nuvens que a velavam como gaze ambiente. Profundo silêncio envolvia o exercito acampado aquém de cortina da collinas. Apenas, ao

perspicaz e inquiridor, não despregava das linhas do desenho, e, por vezes, ligeiras pregas enrugavam a sua fronte morena, dando-lhe uns fôrges de superficie calma de lago quando a brisa a afflora.

Napoleão, passando a mão pela testa como quem pretende varrer idéas importunas, erguendo-se e cobrindo-se com o seu amplo capote cinzento, mergulhou na noite silenciosa.

Pouco depois, quando transpunha os limites do acampamento, foi avistado por um joven soldado de sentinella.

— Olá! — murmurou elle para o seu camarada, velho tarimbeiro das guerras da Revolução — alli vem um que não tem sonno. Pois eu, se podesse, estaria roncando como um bacoro!

— Toma tento na lingua, galucho! — respondeu o outro, perscrutando o horisonte com a mão em leque por cima dos olhos — Aquelle que alli vem pode muito bem ser...

— O marechal?...

— Não; o Imperador!

Instintivamente, o veterano fez a continencia militar e o galucho apresentou armas.

Napoleão, sem se apressar, ia-se aproximando dos dous homens. Quando chegou junto delles, o seu olhar cahiu de chofre no mais velho.

— Oh! oh! Um dos meus valentes. Que novidades temos?...

— Nenhuma, Sire. Abrir os olhos, bem abertos. Ao que parece, ha por ali mais austriacos que gente...

— Com effeito... damos amanhã um baile a meu sôgro.

— Os violinos estão promptos, Sire — concluiu o veterano mostrando a espingarda.

Um sorriso franco alegrou a physionomia do Imperador e preparava-se para puxar a orelha do seu velho camarada de muitas campanhas — gesto familiar e appetecido — quando o soldado, brusamente, lhe impoz silencio com um gesto.

— Que é? interrogou Napoleão, baixinho.

— Dir-se-ia alguém que se appproxima de rastos.

— Deitem-se! ordenou em tom breve o Imperador.

Os dous homens estenderam-se ao comprido na relva macia e o Imperador abaixou-se, contendo a respiração.

O ruído, intermittente, tornava-se mais distincto.

Em breve, uma sombra surgiu delraz de uma moita pegada ao platô e, lentamente, escalou a ligeira encosta.

O Imperador reprimiu uma gargalhada.

A sombra era uma mulher. O luar batia-lhe em cheio no rosto.

— Quem vem lá? gritou o veterano.

A este appello, a sombra ergueu-se, sobresal-



tada, e uma voz delgada, feminina, murmurou, implorativa:

— Não atire, sr. soldado, não atire; sou franceza.

— Com mil milhões de cartuchos — exclamou o galucho — é Pomponnette.

— Avança, á ordem! ordenou o veterano.

O Imperador continuava immovel e mudo como um peixe.

Quando a rapariga chegou a dous passos do grupo, parou.

— Quem és tu? perguntou Napoleão.

Ella murmurou, tímida, mirando de soslaio o galucho que desviava o rosto.

— Paulina Lemercier, por alcunha Pomponnette, sr. official.

— Sire! emendou o veterano.

A esta interrupção, Pomponnette, espantada, ergueu para o soldado olhos inquiridores.

Este, impassivel, retorcia os enormes bigodes.

— De onde vens? continuou o Imperador.

— Eu lhe digo, sr. official...

— Sire! emendou novamente o veterano, retorcendo ainda mais a emmaranhada bigoderia...

Pomponnette, de bocca aberta, cada vez comprehendia menos a intervenção resmungona do soldado...

— Não tenhas medo, falla! insistiu Napoleão, divertido.

— Eu lhe digo. Perdi meu pae e minha mãe. Morava em Paris com o Francisco, e ia esperal-o todos os dias á sahida das officinas... Amavamos... Quando a guerra rebentou, o recrutamento levou-m'o... Partiu com os outros e eu resolvi acompanhá-lo... Ha bocado, perdi-me e procurava acertar com o caminho quando esse velho gritou... Agora, já sei onde estou...

Emquanto ella debilava este pequeno discurso, no seu solaque de grisette parisiense, Napoleão mirava alternadamente os dous jovens.

— Com que então, amas muito o Francisco? murmurou, alagando o queixinho de Pomponnette. Pois já que o seguiste, continuarás ao seu lado, se quizeres. Far-te-hei nomear vivandieria na Guarda. Agrada-te?

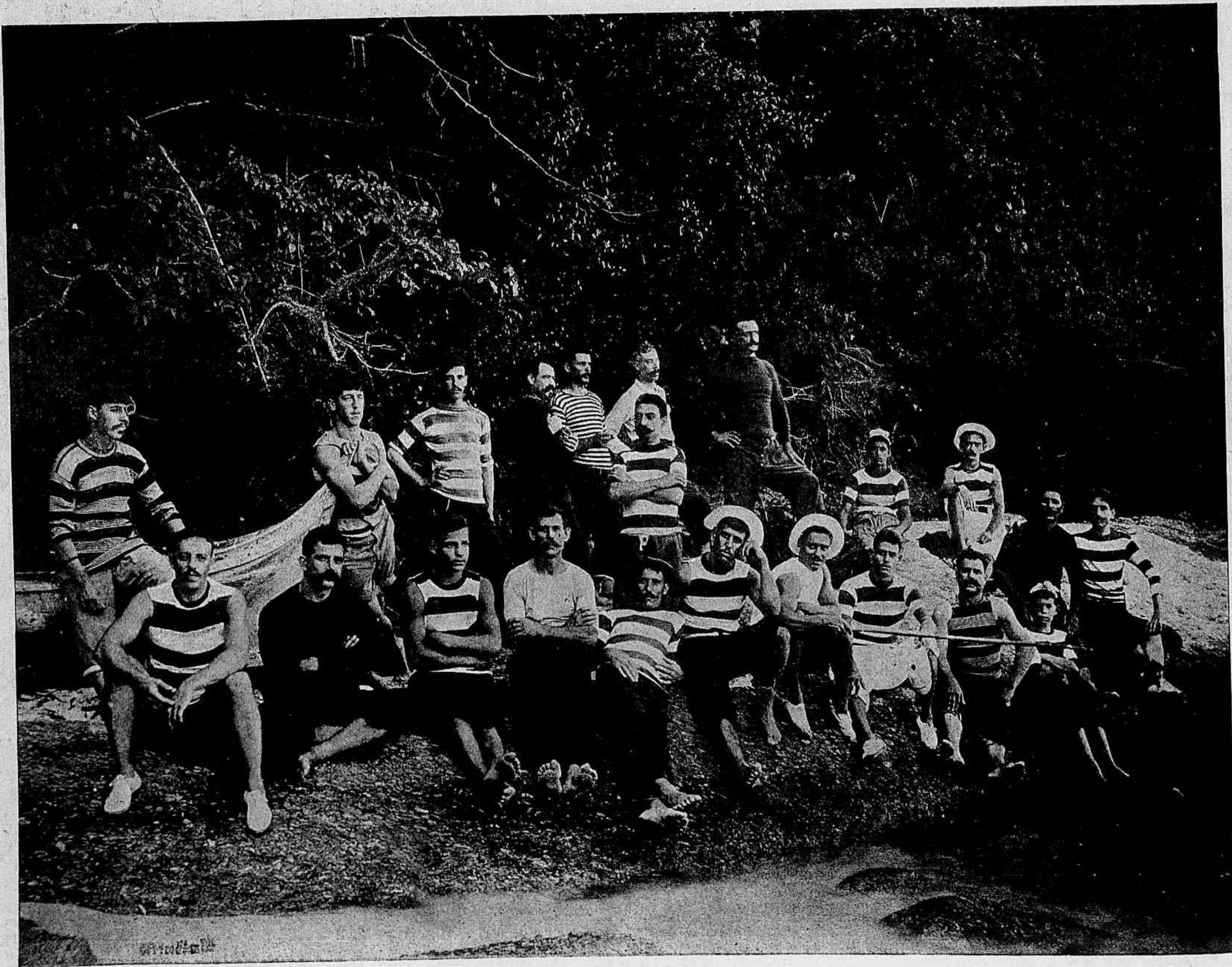
Pomponnette, deslumbrada, pôz as mãos, exclamando:

— Oh! Seria um sonho, sr. offi...

Não pôde concluir a phrase. O veterano, furioso, não contente com rosnar, levantou a espingarda e batendo violentamente com a coronha no solo berrou:

— Imperador, rapariga! Dobra a lingua, com mil bombas!

J. Puget.



«PIC-NIC» REALIZADO EM 6 DO CORRENTE, NA JURUJUBA, PELOS BANHISTAS DO BOQUEIRÃO DO PASSEIO.

MODAS DA REVISTA

MODAS DA REVISTA — 1 — Vestido para passeio, de alpaca branca, guarnecido de galões de seda vermelha. A frente da blusa e as mangas são feitas com pregas dobradas. A saia tem cinco costuras e é cortada com bastante largura na barra, afim de simular um babado em forma.

2 — Blusa de fustão azul marinho, toda feita de pregas estreitas atravessadas.

3 — Vestido de senhora, para interior. Pode ser feito com seda ou batiste. E' de muito effeito e de facil execução.

4 — Tres novos modelos de camisetas, abotoadas atraz. A cachemira, o voile, a musselina de lã, crêpe de China e um grande numero de sedas leves são preferiveis para estes novos feitos.

5 — Quatro lindos costumes para crianças de 2 a 6 annos.

off. do JORNAL DO BRASIL.

CONDEMNADOS À MORTE

ERA uma vez um burro muito velho, a quem o dono ia fazer matar porque lhe dava mais damno que proveito.

O burro era velhaco e decidiu-se a ir por essas estradas lórra arranjar companheiros para uma phylarmonica. Ao topo de uma serra encontrou um cão que gania furiosamente. Mestre burro parou e acêrcou-se do infeliz.

— Porque estás tu pra ahí a gemer? perguntou-lhe elle.

— Ora, deixa-me. Sou o cão mais desgraçado que minha mãe deu á luz. O meu dono quer-me deitar ao rio porque estou já muito velho e só lhe causo dissabores.

— Não sejas tolo. Deixa-te de lamurias e vem dahi commigo.

Foram os dous, de coração alegre.

Mais adiante encontraram um gato, que miava furiosamente.

— Porque mias? perguntou-lhe o burro.

— Porque a minha dona dá uma festa lá em casa e quer matar-me para me fazer passar por lebre.

— Manda a tua dona á fava e acompanha-nos.

E os tres enfiaram por uma vereda que ia dar a uma villa.

Ao pé de um quintalorio encontraram um gallo a cantar.

— Meu amigo, disse-lhe o burro, parece que estás a cantar o *De Profundis*! Tens já ahí a faca no pescoço?

— Quasi, senhor burro, quasi. A minha dona vae matar-me, por ser amanhã o dia de Natal.

Mesma lenga-lenga do burro e uma alegre acolhida do gallo.

Chegaram ao cahir da noite á villa e pararam para conselho.

— Para onde vamos ficar? perguntou o cão.



ESTADO DE S. PAULO — CIDADE DE SANTOS
Menina Addy Proost de Souza, uma creança intelligentissima, recitando em uma festa em homenagem á Marinha Portuguesa um monologo de João Luso — *A minha amiga Bébé*.

— Vejo acolá uma luz, disse o burro. Venham commigo e pouca *chiada*.

A luz alumiaava uma caverna de ladrões e vinha de uma porta envidraçada.

— Esperem lá, disse o burro. Se vamos bater á porta os palifes desancam-nos. O melhor é fazer-mos assim: o cão trepa para cima de mim, para cima do cão vae o gato e para cima do gato o gallo. Quando eu der o signal cada um de vocês bate nos vidros... lá a seu modo.

Assim se fez. Os ladrões, julgando-se descobertos, largaram a ceia que estava em principio e puzeram-se em debandada.

Eis os nossos *musicos* senhores do campo. Comeram, beberam, *fallaram* pelos cotovellos; e quando o somno lhes começou a fazer cocegas, cada qual recolheu a sua choça. O burro foi para a cavallariça; o cão ficou atraz da porta; o gato foi para o borralho e o gallo para cima do telhado.

Quem não ficou muito satisfeito foi o chefe da quadrilha que mandou um dos seus investigar as causas de tão insolito procedimento.

O enviado, como não visse luz na caverna, entrou.

Chegou á chaminé e raspou um phosphoro: o gato arranhou-o na cara. Espavorido fugiu para a cavallariça: o burro deu-lhe um couce nas costas. Julgando-se perdido correu para a porta: o cão deu-lhe uma dentada numa perna.

Como dava meia noite quando elle alvorava pelos campos, o gallo cantou.

O ladrão chegou com as feições decompostas diante do capitão.

— Estamos perdidos, disse elle, a casa está minada. Olhe; um deu-me uma facada na cara, que ainda está a escorrer sangue; outro amassou-me as costellas com um varapau: e um terceiro deu-me um tiro numa perna. Quando eu sahi de casa, ouvi ainda a voz do juiz que dizia:

— Prendam esse ladrão!

E aqui está, meus meninos, como um *burro*, um *cão*, um *gato*, e um *gallo*, podem pôr em debandada uma quadrilha de ladrões.



GUARANESIA — ESTADO DE MINAS GERAES

Missa Campal celebrada por ocasião das festas commemorativas do 4º centenario do Descobrimento do Brasil.

Photographias, vistas instantaneas, desenhos e caricaturas.

REVISTA DA SEMANA

Edição semanal ilustrada do JORNAL DO BRASIL

Redactor-gerente, Dr. CANDIDO MENDES — Redactor-chefe, Dr. FERNANDO MENDES DE ALMEIDA — Director-technico, GASPAR DE SOUZA

Anno III — N. 101

DOMINGO, 20 DE ABRIL

Numero : 300 réis

OS "IMMORTALES" DA "REVISTA" «STEEPLE-CHASE» PRESIDENCIAL



Off. do JORNAL DO BRASIL

Bambino

Um dos favoritos

RAOUL DE NAVERY

(84)

OS IDOLOS

XIV

AS BARRICADAS DA MORTE

Na cabeça entrançada passaram-lhe, semelhança visões, as lembranças de toda a sua existência. Quizerá poder fechar os olhos para não ouvir. Via-se obrigado a ver e ouvir, e a esta allucinação, que tomava pela febre causada pelas feridas, não tardou a converter-se em horrível tortura moral, mil vezes maior do que os seus sofrimentos physicos.

Tornou a ver-se menino, em uma grande matta cheia de musgo, sobre o qual rolava a vontade e povoada de passaros que sua mãe domesticava; sua mãe, uma bonita camponeza, activa e laboriosa, que achava sempre, no meio de sua pobreza, boas palavras para os afflictos e um pedaço de pão para os mendigos.

Seu pae era lenhador na floresta. Era um aspero officio, mas semeado de compensações agradáveis. Bastava ver, ao meio dia, com que prazer Miguel Machu punha do lado o machado, vendo chegar a sua joven caseira.

Esta assentava-se em um tronco de arvore, descobria o cesto que continha a sopa fumegante, o vinho, a appetitosa carne, as bonitas fructas vermelhas. Ambos tomavam juntos a refeição, enquanto o menino saltava como um cabrito e cantava como os passarinhos.

Depois o pae levantava o rapazito nos hombros, fazia-o brincar sobre os joelhos, e ia-lhe buscar ninhos; um dia deu-lhe até um esquilho bem vivo, que quebrava as avelãs com graça indescriptivel, e rindo por entre os dentes alvos e os compridos bigodes, parecia ter uns ares muito espertos.

Se a mãe não tinha muito que fazer em casa, occupava-se, na matta, em qualquer trabalho de costura, em quanto o marido labutava, e a criança rompia em risadas.

Voltavam os tres á tarde, por debaixo das sombras ondúlantes das ramagens, o sino tanguia lá no alto da torre da igreja da aldeia, o pae levantava o chapéo, a mãe fazia o signal da cruz, e o rapazito aquietava-se diante da gravidade dos seus.

Sim, tinham sido bellos e bons os momentos que se tinham passado nos bosques, enquanto o machado do lenheiro ganhou o pão da familia.

A scena mudou rapidamente para João Machu. Achou-se, uma tarde, na sala de baixo da pequena casa; a mãe ensaboava cantarolando uma cantiga da terra. De repente, duas visinhas entraram na choupana; estavam com os rostos pallidos, os olhos vermelhos; pegaram nas mãos da moça e disseram-lhe:

— Pobre Mathurina! Pobre Mathurina!
— Aconteceu alguma desgraça ao Miguel? perguntou a camponeza recuando.

— Sim, respondeu umas das visinhas, uma grande desgraça!

A segunda mulher pegou João pelos braços e beijou-o, murmurando:

— Pobre orphão!

— O meu homem morreu? perguntou Mathurina desvairada.

— Ai! que pouco lhe falta! Apenas terá tempo de dar-lhe o ultimo beijo.

Onde está? perguntou Mathurina, onde está?

— Ahi o trazem, disse uma das visinhas, escancarando a porta.

Quatro homens appareceram, carregando uma padiola; em cima estava um homem immovel, envolvido em ataduras ensanguentadas.

Mathurina lançou-se sobre seu marido, apertou-o com desesperada ternura, e, toda desolada, esperou uma palavra, um suspiro, um olhar.

Miguel já parecia estar morto. Levaram-no para a cama grande, e no fim de um quarto de hora tornou a abrir os olhos. A vista de Mathurina em prantos, tornou a fechar as palpebras como se lhe faltassem as forças para supportar o espectáculo desta dôr. Depois, querendo embeber o pensamento e o coração a essas caras imagens, e levar para a eternidade a recordação dos entes adorados, chamou para perto sua mulher e seu filho:

— Não chores, disse; vou-me embora. Foste uma companheira fiel, amavel e boa. Tornaste-me agradável a vida, e nunca cousa alguma a perturbou. Foi demasiadamente bella, Mathurina, e eu vou-me embora...

Imprimiu os labios nas duas mãos de sua companheira, depois pôz João sobre a sua cama, perto de seu rosto, perto de seu coração.

— Nunca mais me tornarás a ver João, disse; quizerá viver até que fosses homem... Ensinar-te a ser honrado, a trabalhar, como tua mãe te ensinaria a fé... Deus não quiz; devemos resignar-nos... Lembra-te das minhas ultimas palavras; sê bom filho, sê homem honrado!

Momentos depois, entrou o cura da aldeia. Quando o viu, o rosto de Miguel alegrou-se. Era um christão singelo e humilde, cuja exis-

tencia fôra pura como as auroras que todos os dias vira raiar por cima da sua cabeça; não foi tão longa a confissão que teve de fazer, e morreu com o espirito animado de santas esperanças.

(Continúa.)



RECREAÇÕES

As soluções dos problemas publicados no nosso numero passado são as seguintes:

Da charada homographa Oliveira, da charada syn-copada novissima Galana—Gana, e da charada casal Craveiro—Craveira.

Carmelita, Durval Pinto, Nemo, Francisco Telles, Tuta, Gondoleiro, Boer, Clio e Heitor Lima solveram todos os tres problemas; Nhazinha e Aviaras os dois primeiros; Aymoré, Vandom, Oiram e Grandhomme os dois ultimos.

Para hoje apresentamos:

CHARADA EM ECHO (Nhazinha)

2—Toca o arbusto.

CHARADA MEPHISTOPHELICA (Aymoré)

3—O frio dá cabo do tamanco.

JOGO DE LETRAS (Bacharel)

A, A, A, A, C, G, I, I, J, R, R, T, U

Com as letras acima formar o nome de

TORNIQUETE

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 85

Sendo sujeito da liberdade.

PROBLEMA N. 86

Como poderão transitar um coxo e um corcunda sem que se notem suas deformidades?

CORRESPONDENCIA

Nhazinha—Os nossos sinceros parabens pelo dia de hontem.

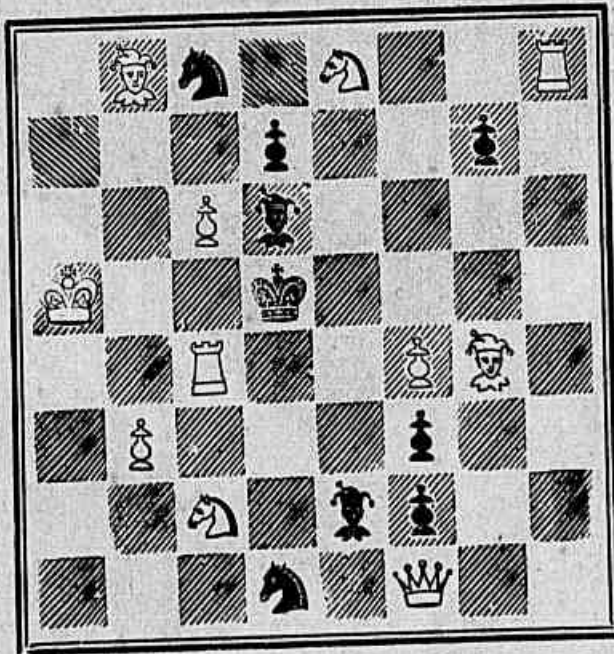
Aventureiro—Recebido o problema.

Archimedes Junior.

XADREZ

PROBLEMA N. 127—EUGENIO PINTO (Rio)

Pretas (9)

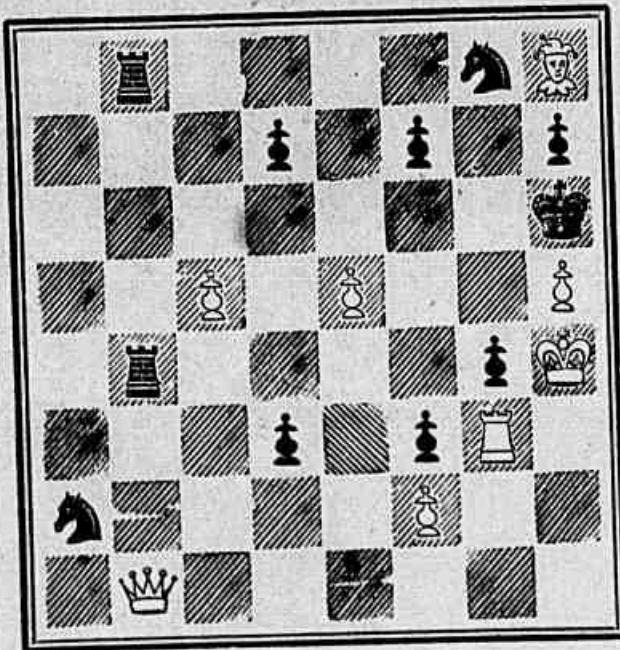


Branças (11) — Mate em 2 lances

PROBLEMA N. 128—ARTHUR NAPOLEÃO (Rio)

(Extr. da «Caissana Brasileira»)

Pretas (11)



Branças (8) — Mate em 3 lances

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 123 (Salvio)

1—T 4 D, R x T—2—D 4 C x. etc.

1—..... P x C—2—D x P R etc.

1—..... outra—2—D 5 R etc.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 124 (Lissener)

1—T 5 D, R 1 C—2—T 8 D x, R 2 B—3—C 6 R x. etc.

1—....., B 2 T ou 6 C—2—T 8 D, C move—3—C 6 R etc.

Esses dois problemas, com especialidade o n. 123, foram muito apreciados pelos amadores.

Resolvidos pelos srs. Silvano, Theo, Mlle. B. E, Zozoe, Caissano, Jofemo, Alipio de Oliveira, Dr. C. L., Roberts, Eug. Agostini, Curioso e Zut. N. 124, Salvio.

EN PASSANT

Conforme referimos na sessão passada, foi vencedor do torneio internacional de Monte Carlo, o valente Maroczy, que alcançou um bellissimo triumpho sobre mestres de alto renome, como Pillsbury, Janowski, Dr. Tarrasch, etc.

Com a ausencia de Lasker, o actual campeão do mundo, todas as probabilidades da victoria desse torneio, pareciam recair sobre Pillsbury, o extraordinario chess player, cujos prodigios realizados em suas varias series de partidas jogadas sem ver as peças, têm causado assombro ao mundo inteiro. Antes de partir para Monte Carlo, effectuou Pillsbury, no club de Philadelphia, uma dessas admiraveis sessões de partidas simultaneas; propuzera-se a jogar contra dezeseis, dos mais fortes amadores; tendo porém derrotado em poucos lances um dos adversarios, foi a seu convite preenchido o taboleiro vago, por um decimo setimo contendor, obtendo, ao cabo de seis horas, o resultado de doze partidas ganhas, tres empatadas e duas perdidas.

Eis o resultado final do torneio:

Maroczy	14 3/4	Napier	9 1/2
Pillsbury	14 1/2	Mieses	9 1/4
Janowski	14	Mason	9
Teichman	13 1/4	Albin	8 1/2
Schlechter	12	Marco	7 3/4
Dr. Tarrasch	12	Popiel	7 1/4
Wolf	12	V. Scheve	5
Tschigorine	11 1/2	Eisemberg	4 1/2
Marshall	11	Regio	2 1/2
Grunsborg	10 3/4	Martinez	1

Partiu para a Europa, onde se demorará alguns mezes, o estimado cavalheiro e provecto enxadrista Mr. R. G. Reidy, digno gerente da «Western». Desejamos ver passado o tempo de sua ausencia que será muito sentida por todos os seus numerosos amigos.

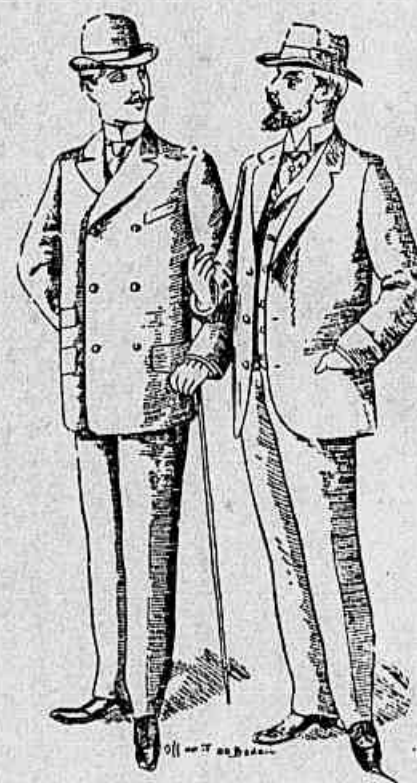
CORRESPONDENCIA

Vedo e K R — Temos sentido a falta de sua prestimosa correspondencia, sem saber a que allegar o motivo dessa interrupção.

E. P. — No primeiro numero publicaremos o outro problema em dous lances. O de tres lances apresenta as seguintes soluções clandestinas: T x P D, T x P T e B x P; achamol-o muito inferior a qualquer dos seus trabalhos, entretanto, poderá uma modificação acertada melhoral-o a ponto de se tornar obra digna do autor. Sempre agradecidos, esperamos as suas ordens.

Toda a correspondencia deve ser dirigida para a redacção do JORNAL DO BRASIL, á rua Gonçalves Dias n. 54, • Secção de Xadrez.

Heibas.



— Onde mandas fazer a tua roupa... vejo-te sempre vestido correctamente!...

— Boa pergunta, na casa Mendonça, rua Gonçalves Dias n. 8.

— E quanto te custa cada terno sob medida?

— Das mais ricas e modernas fazendas, desde 100\$ até 130\$, e quando quero ternos mais barato compro dos que ha feitos desde o preço de 55\$ até 75\$, assim como outras roupas para meu uso, compro-as sempre por preços tão rasoaveis que não vacillo em afirmar; só na casa Mendonça se póde vestir bem e por preços rasoaveis.

LOTÉRIAS DA CANDELARIA

Em beneficio do Recolhimento de N. S. da Piedade

Sob a immediata responsabilidade da mesma Irmandade, decretos municipaes ns. 543, 7 de maio de 1898 e 779, de 3 de novembro de 1900

88 RUA DOS OURIVES 88
PREMIO MAIOR

20:000\$000

Só jogam 5.000 bilhetes a 10\$000, divididos em decimos de 1\$000

Acceitam-se pedidos de numeros certos para todas as loterias. Os pedidos do interior devem vir acompanhados do respectivo sello. As encomendas são respeitadas até á vespera do dia da extracção. As vendas verificam-se até uma hora antes da extracção.

Agencia geral: 88 RUA DOS OURIVES 88

O agente geral, JOSÉ JOAQUIM DO ROSARIO

CONDICÕES DE ASSIGNATURAS

DO
JORNAL DO BRASIL e da REVISTA DA SEMANA

« JORNAL DO BRASIL »

Uma edição, da manhã ou da tarde, separadamente:

Por anno 30\$000
Por semestre 16\$000

Duas edições, da manhã e da tarde, conjuntamente:

Por anno 56\$000
Por semestre 28\$000
Por trimestre 15\$000

« REVISTA DA SEMANA »

Por anno (remessa com porte simples) . . . 18\$000
Por anno (remessa registrada) 28\$000Por semestre (remessa com porte simples) . . 10\$000
Por semestre (remessa registrada) 15\$000

Os assignantes das duas edições do Jornal do Brasil receberão gratis, como premio, a Revista da Semana. O assignante de uma só edição do Jornal do Brasil receberá como premio o Anuário Illustrado do Jornal do Brasil.

LYCETOL GRANULADO EFFERVESCENTE

Preparado pelos Pharmaceuticos

CARVALHO, GIFFONI & C.

O Lycetol (tartrato de dimethyl piperazina) é o mais poderoso dissolvente do acido urico, e, sob a forma agradável e elegante de *granulado effervescente*, corresponde ás seguintes INDICAÇÕES

Diathese urica, areias, calculos biliares, e vesicaes, inflamações dos rins e da bexiga, reumatismo, gota, dermatoses inflammatorias, arterio-sclerose, colicas, nephriticas, etc., etc.

MODO DE USAR:

Toma-se pela manhã, ao meio-dia e á noite, na dose ao conteúdo de uma a duas medidas (das que acompanham o frasco) de uma vez, dissolvido em agua simples ou em outro liquido, ou então ás refeições, segundo a recomendação do medico. (Vide a Bulla).

PHARMACIA E DROGARIA, DE CARVALHO, GIFFONI & C.

8, RUA PRIMEIRO DE MARÇO, 8
RIO DE JANEIRO

JEZLER

E' o fabricante de charutos mais antigo e mais acreditado da Bahia. Emprega para a confecção de seus charutos — fumo velho de safras anteriores — Experimentem as marcas: CONCORDIA, IRMÃS, BENJAMIM, VICTORIA, CREME e AROMATICOS.

A' venda em todas as charutarias

E NO

DEPOSITO DOS AGENTES

BOREL & G.

62 Rua da Quitanda 62

DENTES ARTIFICIAES

A. F. de Sá Rego

ESPECIALISTA

1 RUA GONÇALVES DIAS 1

—) E (—

212 PRAIA DE BOTAFOGO 212

COMPANHIA

DE

Loterias Nacionais do Brasil

SEDE: CAPITAL FEDERAL

RUA NOVA DO OUVIDOR 92 e 92 A

Caixa do Correio n. 41

Endereço telegraphico — LOTERIAS

LOTÉRIAS DA CAPITAL FEDERAL

EXTRACÇÕES A RUA S. JOSE' N. 29

LOTÉRIA DA CAPITAL

EXTRACÇÃO

Sabbado 19 do corrente

ÁS 3 HORAS DA TARDE

N. 44 — 47

50:000\$000

Inteiros 6\$000, oitavos 750 réis

Sabbado 10 de maio proximo

ÁS 3 HORAS DA TARDE

N. 75 — 11

200:000\$000

Inteiros 15\$000 — Vigésimos 750 réis

Os bilhetes acham-se á venda nas agencias geraes de Camões & C., becco das Cancellas n. 2 A, endereço telegraphico PEKIN, caixa do Correio 946 e Luiz Velloso & C., rua Nova do Ouvidor n. 10, endereço telegraphico LUZVEL, caixa do Correio 817, as quaes só recebem em pagamento e pagam bilhetes premiados das loterias da Capital Federal e encarregam-se de quaesquer pedidos, rogando-se a maior clareza nas direcções.

Aceitam-se agentes no interior e nos Estados, dando-se vantajosa commissão.

PHOTOGRAPHIA

Grande sortimento de material photographico, recebido directamente; machinas, chapas, papeis, productos chimicos, etc., etc.

Acaba de sahir do prélo a nova edição do catalogo, contendo as formulas usadas pelos principaes photographos e amadores desta Capital e da Europa.

—«DISTRIBUIÇÃO GRATUITA»—

BASTOS & DIAS

52 Rua Gonçalves Dias 52

SOBRADO

A SUL AMERICA

é a mais importante

COMPANHIA DE SEGUROS

DE VIDA

Funcionando no Brasil

Possue fundo de garantia — Realizado em dinheiro e superior a Rs. 8.500:000\$000

Já emittiu seguros no valor superior a

Rs. 100.000.000\$000

Pagou por sinistros mais da Rs. 2.500:000\$000.

Unica Companhia Brasileira que funciona nas Republicas Argentina, Uruguay, Chile, Perú, Bolivia, Equador e Paraguay

SÉDE SOCIAL

56, Rua do Ouvidor

RIO DE JANEIRO

A Equitativa

Sociedade de seguros mutuos sobre a vida, terrestres e marítimos

EMITTE APOLICES de seguro de vida com resgate em dinheiro mediante sorteio annual em vida do segurado, desde o primeiro anno de seguro.

Seguros realizados. . . . 85.000:000\$000

Pedir prospectos na

SÉDE SOCIAL Á

7 RUA DA CANDELARIA 7

LOTÉRIA ESPERANÇA

EXTRACÇÕES DIARIAS

EM

NICTHEROY E ARACAJU'

EXTRACÇÃO EM 21 DO CORRENTE

100:000\$000

20:000\$000 integraes por 1\$500

10:000\$000 " " \$750

2:000\$000 " " \$150

Os bilhetes acham-se á venda em todas as localidades do Brasil, caixa do correio n. 1.052.— O thesoureiro, Augusto da Rocha Monteiro Gallo.

Companhia Typographica do Brazil
GRANDE FUNDIÇÃO DE TYPOS

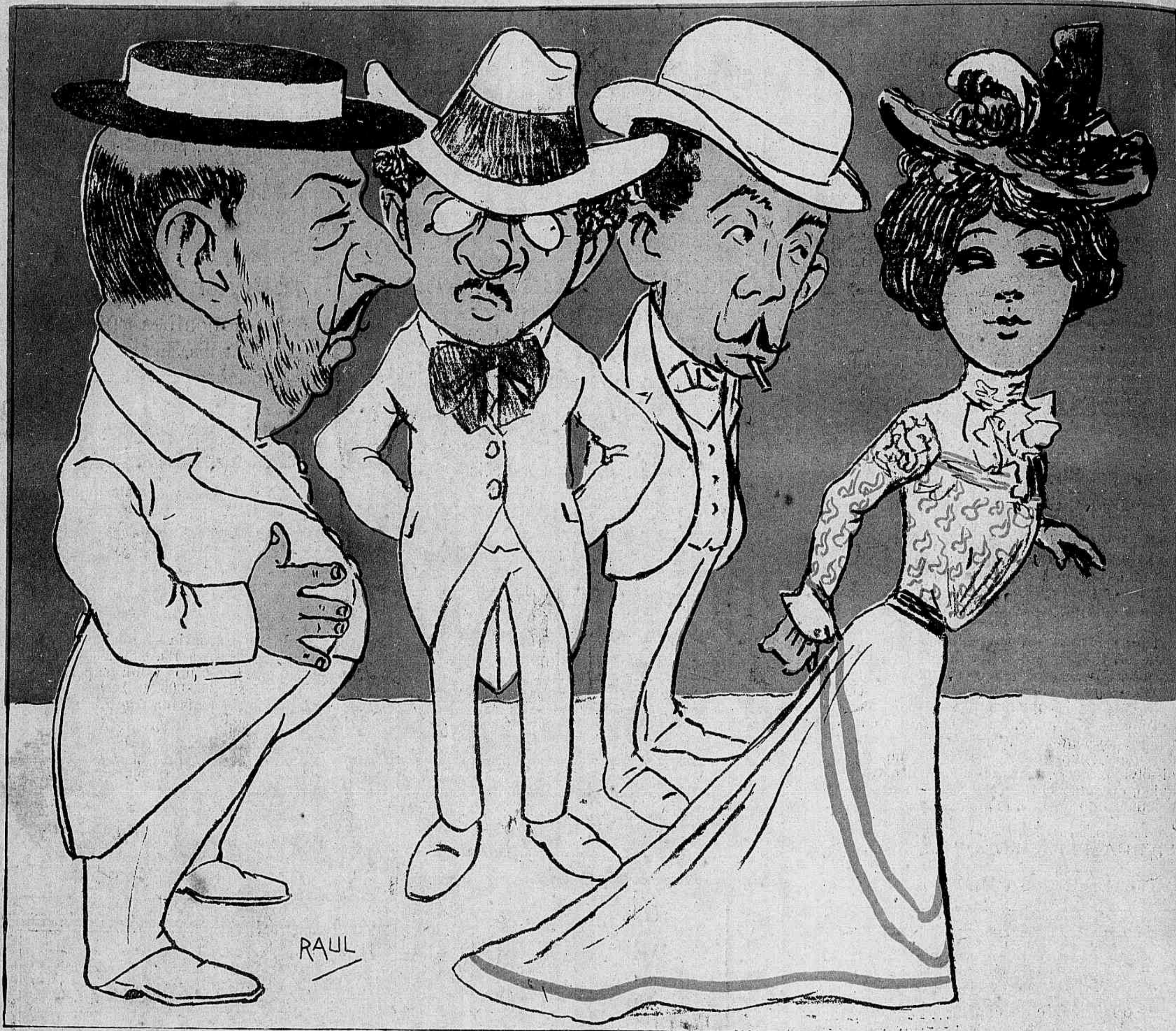
RUA DOS INVALIDOS, 93 — RIO DE JANEIRO

Representante dos principaes fabricantes da Alemanha e França.

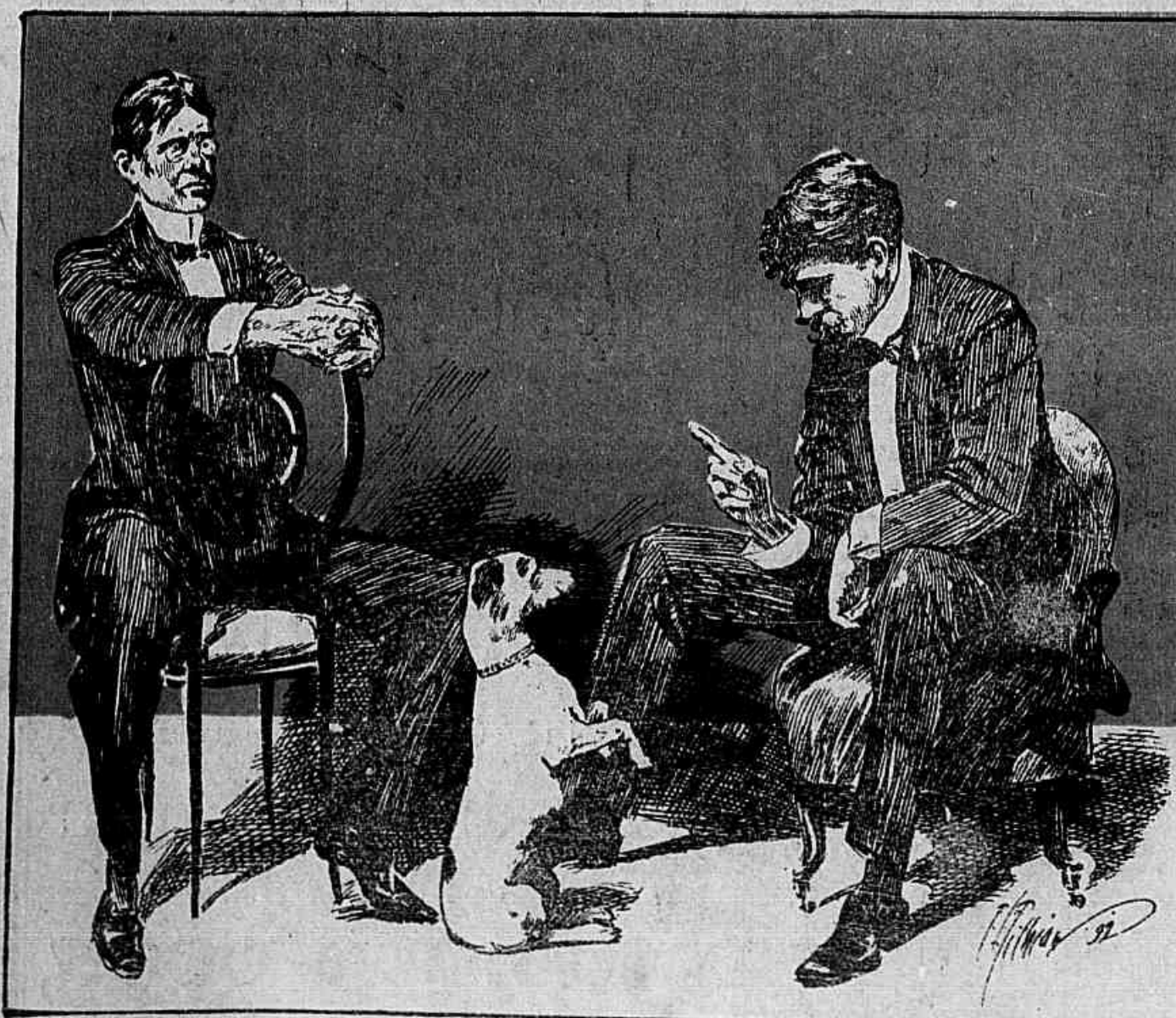
TEM SEMPRE em deposito grande quantidade de typos para obras e de fantasia.

ENCARREGA-SE de montar officinas typographicas para jornaes e avulsos, e mandar vir machinas de impressão de todos os systemas.





- Que massada! Não pôde andar uma senhora só na rua sem ser perseguida por uma companhia de Don Juans.
- E' exacto, minha senhora; se não fôr assim, a companhia tomba.



- Que demonio está você ensinando ao cachorro?
- Estou vendo se elle aprende a fallar para contar-me o que se passa cá por casa na minha ausencia.



- Agora, firme!... Vamos ver se desta vez o retrato sae direitinho.
- O senhor já deve estar cansado.
- Porque me é difficil fazer um retrato de pessoa bonita.
- Ah! Por isso é que faz o seu proprio retrato com tanta facilidade!